



CAPÍTULO 3

A FAVELA AOS OLHOS DO TURISTA

Gisele Pereira

Professora Adjunta
Faculdade de Administração e Turismo
Universidade Federal de Pelotas
gisele_pereira@hotmail.com

Dalila Müller

Professora Adjunta
Faculdade de Administração e Turismo
Universidade Federal de Pelotas
dalilam2011@gmail.com

Samara Camilotto

Mestranda em Turismo e Hospitalidade
Universidade de Caxias do Sul
camilotto.sa@gmail.com



O turismo nas favelas do Rio de Janeiro constitui-se uma prática que ocorre desde a década de 1990, inicialmente na Favela da Rocinha, expandindo-se para outras favelas nos anos 2000. Essa prática tem sido discutida por vários autores, pois é um processo muito complexo, porque envolve vários atores, como agências de viagens, poder público, moradores e turistas. Neste capítulo, analisamos apenas um aspecto, ou seja, as percepções dos turistas a respeito do passeio realizado na favela da Rocinha ou na Santa Marta. Para tal, utilizamos os comentários postados pelos próprios turistas no *site TripAdvisor* no período de 2011 a 2015. A partir dos depoimentos, verificamos que, de modo geral, os turistas ressaltam os aspectos positivos da visita, considerando o passeio ‘um dos que mais marcou a [sua] vida’, ‘uma oportunidade a não perder’.

Palavras-chave: turismo; Rio de Janeiro; favela; turistas.



3.1

Morro do Vidigal, onde residem 12.797 habitantes
Foto: Adriana Portella

Introdução

O turismo revela-se um fenômeno complexo que extrapola a simples noção de movimentação de pessoas e de divisas pelo globo. Embora seja evidente a sua força econômica, visto que o turismo corresponde a 9% do PIB (Produto Interno Bruto) mundial e gera 1 em cada 11 empregos no mundo, passando dos 25 milhões de turistas estrangeiros em 1950 para 1133 milhões em 2014, conforme dados da Organização Mundial do Turismo (2015), é preciso ir além. As implicações desse fenômeno relacionam-se não apenas à tradicional esfera econômica, como também às demais esferas com as quais o turismo interage: social, cultural, histórica, política e ambiental (Figura 3.1).

Atualmente, o turismo tem-se diversificado, alternando práticas turísticas de massa com o turismo alternativo. Um exemplo de prática turística alternativa é o tour de realidade que, segundo Freire-Medeiros (2007), pode ser dividido em dois tipos, os tours sociais, que têm como destinos localidades em desvantagem econômica, e os tours sombrios, que mobilizam emoções intensas e extremas. É nesse contexto que se insere o turismo na favela, que consiste na co-

mercionalização dessas localidades brasileiras como atrativo turístico.

Freire-Medeiros (2007, p.63) considera que as ações turísticas nas favelas condensam as premissas dos dois tipos de tours de realidade citados, uma vez que ‘permitem engajamento altruísta e politicamente correto, motivam sentimentos de aventura e deslumbramento’. Argumenta, ainda, que é a ‘experiência do autêntico e do exótico, do risco e do trágico em um único lugar’.

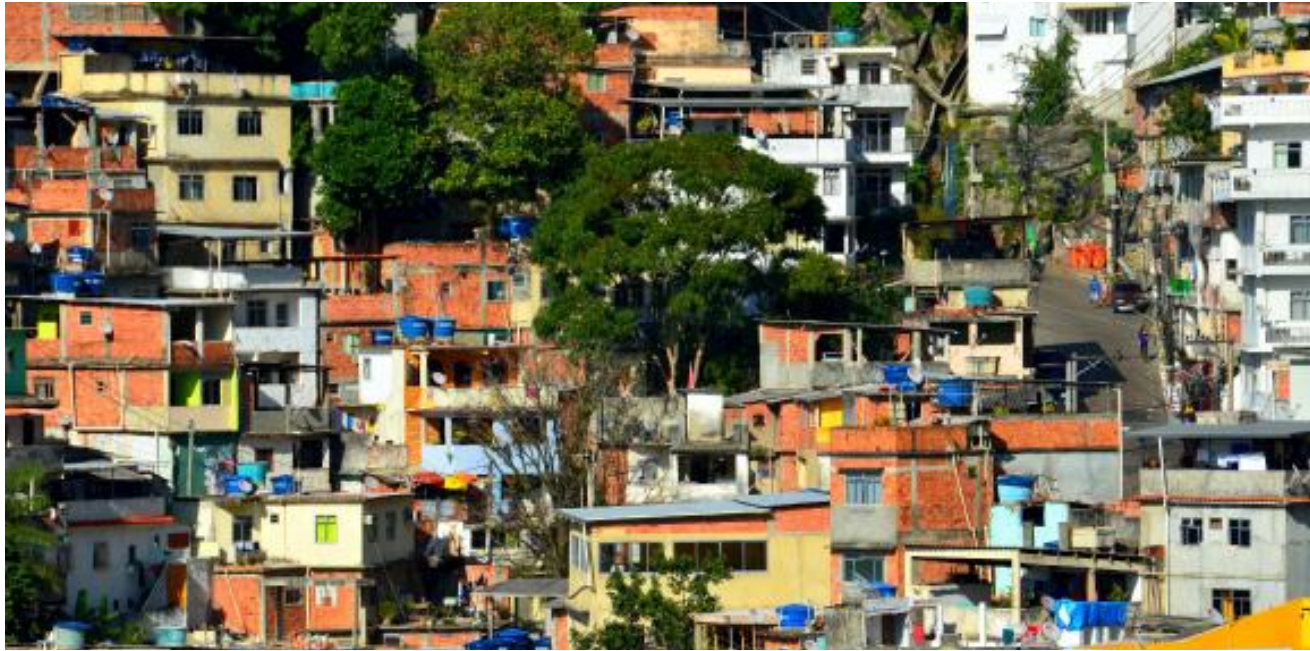
O turismo na favela, notadamente na cidade do Rio Janeiro, é um fenômeno ainda recente, surgido na década de 1990, segundo alguns autores (Leitão, Araujo & Batista, 2012; Barbosa, 2015; Freire-Medeiros, 2009). A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Eco-92, realizada na cidade do Rio Janeiro, no ano de 1992, teria despertado o interesse dos participantes em conhecer as condições de vida dos moradores da Favela da Rocinha, enquanto a repercussão da gravação do videoclipe da canção ‘They don’t care about us’, do cantor norte-americano Michael Jackson, na Favela Santa Marta, teria motivado o interesse de fãs e demais pessoas de conhecer o local. Porém, somente em 2006 a Rocinha se tornou ponto turístico oficial do Rio de Janeiro.

Segundo dados censitários de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6% da população brasileira vive em aglomerados subnormais (favelas, comunidades, vilas etc.), o que corresponde a 11,4 milhões de pessoas. Só na cidade do Rio de Janeiro - líder nacional neste quesito - são 1,4 milhões de pessoas nesta condição, o que equivale a 22% de seus habitantes (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012) (Figuras 3.2A, 3.2B e 3.2C).

Conforme esse cenário, observamos uma tendência crescente por parte de operadoras de turismo, residentes de favelas e do próprio poder público de investir nesta modalidade de turismo. As justificativas são as mais diversas: dinamização da economia local, inclusão social, urbanização, aprendizagem social e desenvolvimento. Entretanto, para muitos, esse tipo de turismo apenas potencializa os efeitos negativos desse empreendimento, ao explorar a pobreza alheia e expor os moradores a situação de ‘safári humano’, demandando uma profunda reflexão ética por parte dos profissionais envolvidos (Figura 3.3).

Vista de um hostel no Morro do Vidigal
Fotos: Adriana Portella

3.2A
3.2B
3.2C





3.3 No Morro da Providência foi colocado um trilho metálico no chão, com o objetivo de guiar o turista na visita dentro da comunidade
Foto: Adriana Portella

Na tentativa de melhor compreender a relação entre turismo e favela, o presente estudo tem por objetivo analisar as percepções de turistas que realizaram passeios em duas favelas cariocas, as quais possuem grande apelo turístico - Rocinha e Santa Marta - quanto às suas experiências de turismo nesses locais.

Destacamos que as impressões dos turistas sobre o turismo nas favelas é apenas um aspecto do processo de comercialização da favela como atrativo turístico, que também envolve os empresários, o poder público, as ONGs e, principalmente, os moradores.

Buscamos analisar os comentários que são postados no *site* de viagens *TripAdvisor* (www.tripadvisor.com.br) pelos turistas que fizeram o *tour* pelas favelas, seja com agência de viagem ou com guias locais, verificando os aspectos positivos e negativos destacados. Foram examinados 351 comentários, nos idiomas português, inglês e espanhol, postados entre 2011 e 2015, contemplando visitas guiadas e não guiadas às favelas da Rocinha e Santa Marta.

O *site TripAdvisor* se denomina o maior *site* de viagens do mundo e foi fundado em 2000 com o objetivo de reunir comentários sobre serviços e atrações turísticas. O *site* possui presença em 47 países e mais de 6,2 milhões de acomodações, restaurantes e atrações. Além disso, possui mais de 320 milhões de avaliações e opiniões (TripAdvisor, 2016).

No *site*, o indivíduo pode se cadastrar e, após, avaliar os lugares por onde passou em sua viagem ou passeio através de comentários e notas. É possível incluir informações como época da visita, se esteve acompanhado (família, amigos) ou sozinho, quanto gastou etc.

Voltados para a Web 2.0 que se caracteriza 'como uma plataforma onde a produção, controle e organização de conteúdo estão disponíveis a todos os seus usuários, que têm liberdade de interagir com o conteúdo' (Moura & Mandaji, 2014, p.05), turistas analisam os destinos e veem como é o serviço de um empreendimento ou a infraestrutura de um atrativo. O diferencial do *TripAdvisor*, assim como a Web 2.0 em geral, é que o usuário não só recebe a informação, ele é quem cria essa informação. Porém, mais que informação, o *site* influencia escolhas; afinal, ninguém quer ficar em um hotel que possui avaliações negativas.

O *site* tornou-se, nos últimos anos, muito acessado por pessoas

que buscam informações para suas viagens, sendo uma ferramenta de consulta muito popular entre os turistas. As postagens sobre a qualidade dos serviços e equipamentos, sobre a experiência, boa ou ruim, em um local turístico servem como sugestão para outros turistas.

Favela da Rocinha: conhecida como a maior favela do Brasil (ou ‘da América Latina’)

A Rocinha é considerada uma das maiores favelas do Brasil com 69.161 habitantes, segundo o IBGE (2010, apud Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012). Localizada na zona sul do Rio de Janeiro está entre os bairros da Gávea e de São Conrado (Figura 3.4).

Até o século XVIII, o local era ocupado pelo engenho de açúcar Quebra Cangalha e, após esse período, passou a ser destinado para o cultivo de café. Em 1929, com a crise cafeeira, a fazenda foi loteada e passou a ser ocupada por pequenos agricultores, migrantes, operários industriais e imigrantes europeus. Dedicando-se à agricultura, esses moradores vendiam suas produções nas feiras da zona sul da cidade onde explicavam que o seu produto vinha de uma ‘rocinha’ que ficava no Alto da Gávea. Em função disso, o local ficou conhecido com o nome de Rocinha (Bruno, 2013).

Entre 1927 e 1930, o local foi loteado e os lotes destinados à venda. Com a falência da companhia responsável pela implantação do loteamento e melhoria das condições de acesso à área, a ocupação irregular da Rocinha cresceu que, ‘partindo do sopé do morro, se estenderia, ao longo dos anos, na direção dos terrenos à montante, segundo normas não escritas, que estabeleciam limites e procedimentos para os que ali chegavam’ (Leitão et al., 2012, pp. 107-108).

Nas décadas de 1950 e 1960, houve um acentuado crescimento populacional por conta da demanda por mão de obra na construção civil, ocasionada pelo crescimento urbano dos bairros Ipanema, Leblon, Gávea e Jardim Botânico (Bruno, 2013). Leitão et al. (2012) apresentam dados de recenseamentos feitos na favela: em 1950, existiam 4.513 habitantes. Em 1974, os dados apontavam a presença de 33.790 habitantes e, em 1980, esse número praticamente triplicou, quando a Rocinha alcançou o total de 97.945 habitantes.



3.4

Favela da Rocinha

Foto: Chensiyuan

Fonte: disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:1_rocinha_favela_closeup.JPG, acessado em 30.12.2016

No ano de 1980, um relatório elaborado pela Fundação Estadual de Engenharia e Meio-Ambiente (FEEMA) destacou a presença da criminalidade na comunidade e a existência de zonas consideradas perigosas. No final da década de 1990, ‘de acordo com autoridades da área de segurança pública, a Rocinha havia se tornado um ‘entrepasto das drogas no Rio’ e um ‘ponto de encontro de chefes do Comando Vermelho’ – uma das facções criminosas atuantes nas favelas cariocas’ (Leitão et al., 2012, p.108). A pacificação e a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) ocorreu no ano de 2011.

Em relação ao turismo, as primeiras excursões turísticas à Rocinha se deram no ano de 1992, por conta da realização do evento internacional ECO-92, na cidade do Rio de Janeiro, quando autoridades que participaram do evento fizeram visitas às comunidades, buscando conhecer o padrão de vida desses agrupamentos carentes (Leitão et al., 2012).

Em 2006, a Rocinha foi declarada ponto turístico oficial do município do Rio de Janeiro, através do projeto proposto pela então vereadora Lilian Sá (Araujo, 2013). Nesse mesmo ano, o jornal O Globo informou que a favela que mais recebia turistas era a Rocinha, com média de 2,5 mil visitantes ao mês (Acioli, Silva & Souza, 2014). Antes da pacificação, o tráfico de drogas influenciava diretamente no turismo na Rocinha, o qual fazia parte do ‘pacote de exotismo’ oferecido pelos guias aos turistas estrangeiros, mesmo que o contato com traficantes e fotos em determinados locais fossem proibidos (Leitão et al., 2012).

Em 2009, moradores e lideranças comunitárias realizaram um Fórum de Turismo na Rocinha. Leitão et al. (2012, p.113) apresentam informações do Jornal de Turismo, ao explicarem o objetivo do evento: ‘desenvolver o turismo de forma sustentável, valorizando a cultura local e qualificando produtos e serviços’.

Dur passeios turísticos realizados na favela, geralmente ocorrem três paradas principais. A primeira é na Rua 1, onde fica o ponto de venda de souvenirs elaborados por moradores locais. Lá é possível comprar quadros, chaveiros e bolsas com estampas do Corcovado, Cristo Redentor, dentre outros pontos turísticos do Rio de Janeiro (Araujo, 2013). A segunda parada é na laje da casa de um morador, onde os visitantes visualizam a amplitude da Rocinha, o cotidiano da população (Leitão et al., 2012). Também observam parte do bairro São Conrado, localizado próximo à favela, com condomínios de classe média alta onde os visitantes se deparam com o paradoxo dos ‘que têm e dos que não têm’ (Freire-Medeiros, 2006, p. 14). Uma terceira parada é no largo do Boiadeiro, onde há uma feira de produtos nordestinos (Araujo, 2013).

Favela Santa Marta: a favela visitada por Michael Jackson

A Favela Santa Marta está localizada no Morro Dona Marta, no bairro de Botafogo. Situado na orla carioca, próximo a parques e à Lagoa Rodrigo de Freitas, o bairro é considerado uma das áreas mais nobres da zona sul do Rio de Janeiro. Possui duas ruas principais, uma em paralelo com a outra, a Voluntários da Pátria e a São Clemente que é o principal acesso à favela Santa Marta, na altura da Praça Corumbá (Barbosa, 2015) (Figura 3.5).

O nome da favela surgiu por conta de um fiel de Santa Marta que, no início do século XX, levou uma imagem da santa ao alto do morro e, em 1930, construiu uma capela para abrigá-la (Carvalho, 2013). As primeiras casas surgiram no fim da década de 1920, em uma área de terrenos que pertencia ao Colégio Santo Inácio. Os barracos de madeira começaram a ser construídos, com permissão, principalmente por trabalhadores das obras de expansão do Colégio Santo Inácio, dando, assim, origem à atual favela (Barbosa, 2015).

Em 1950, foi feito um recenseamento e constatou-se que Santa Marta já possuía 1.632 habitantes. Barbosa (2015, p. 170) explica que o aumento de população acompanhou o boom demográfico de favelas da zona sul carioca ‘sobretudo por oferecerem uma mão-de-obra barata para a construção civil, mercado que se encontrava em ascensão’.

Dois acontecimentos projetaram a favela internacionalmente. O primeiro ficou conhecido como a ‘batalha do Morro Dona Marta’ quando, em 1987, morreu o chefe da quadrilha que controlava a venda de drogas no local, passando o comando das atividades para seu filho, popularmente conhecido como Perereca. Este último foi considerado despreparado para assumir o cargo e foi assassinado, ocasionando um combate entre dois grupos pelo comando do comércio de drogas. Durante sete dias, houve violento conflito armado no local, com grande cobertura midiática, construindo, assim, a ‘metáfora da ‘guerra’ ligada ao tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro’ (Barbosa, 2015, p.171).

Favela Santa Marta

Foto: disponível em www.favelapainting.com, https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vista_Santa_Marta.jpg, acessado em 30.12.2016

3.5



O outro acontecimento foi a visita do cantor norte-americano Michael Jackson à favela no ano de 1996 para a gravação de cenas do videoclipe da música 'They don't care about us', dirigido pelo cineasta Spike Lee (Figura 3.6). Houve suspeitas de que os produtores do videoclipe 'negociaram os detalhes da gravação diretamente com o chefe do tráfico de drogas da favela, o Marcinho VP' (Barbosa, 2015, p.172). Outra polêmica foi a acusação de autoridades locais e regionais de que o videoclipe exploraria comercialmente a pobreza e reforçaria o estereótipo da favela como lugar de pobreza e violência. Em resposta às acusações Spike Lee disse: 'O que eles acham? Que a pobreza no Brasil é segredo?' (Barbosa, 2015, p. 172).

Em 29 de maio de 2008, foi inaugurado, na favela, o Plano Inclinado do Santa Marta, chamado de 'bondinho', um sistema de transporte que percorre 340 metros pela lateral leste do morro, tendo cinco estações e sua utilização gratuita diariamente das 06h às

Estátua do Michael Jackson no local que ficou conhecido como 'Lage do Michael Jackson' no Morro Santa Marta

Foto: Guilherme Mendes Cruz

Fonte: disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lage_do_Michael_Jackson,_Morro_Santa_Marta_\(RJ\).JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lage_do_Michael_Jackson,_Morro_Santa_Marta_(RJ).JPG), acessado em 30.12.2016

3.6



23h30min. O bondinho se desloca da Escadaria até o Pico do Morro, onde ficam o Campinho e a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) (Barbosa, 2015).

Em 2008, especificamente em 19 de dezembro, a Santa Marta foi a primeira favela do Rio de Janeiro a ser ocupada por uma UPP (Carvalho, 2013). As UPPs foram criadas pelo governo do Estado com o objetivo de pacificar as favelas que, antes, conviviam com a violência (Annuniação & Faria, 2011).

No ano seguinte, 2009, foi instalada uma rede de internet wireless (wi-fi) gratuita no morro para utilização da comunidade. Carvalho (2013, p. 09) destaca que ‘a companhia de energia elétrica Light entrou como responsável pelo investimento na renovação do sistema elétrico na região’. Em 2011, a Cedae (Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro) iniciou a renovação do sistema de fornecimento de água (Carvalho, 2013).

Em relação à infraestrutura, a comunidade é considerada de pequeno porte, comparada com outras comunidades da zona sul. Os dados apresentados por Carvalho (2013) demonstram que a favela possui 54.692 metros quadrados, 4.800 moradores e 1.370 residências. Além disso, conta com linhas de ônibus que fazem o percurso até o centro da cidade em 20 minutos e está próxima à estação de metrô Botafogo, que fica a cinco minutos de caminhada (Barbosa, 2015).

Possuindo limites bem definidos, Santa Marta não possui muitas possibilidades de expansão territorial; sendo assim, o seu crescimento ocorre verticalmente, tendo construções de até cinco pavimentos (Carvalho, 2013).

Atualmente, a favela Santa Marta é considerada ‘favela modelo’. Barbosa (2015, p.172) ressalta que ‘a projeção alcançada pela favela Santa Marta nos meios de imprensa contribuiu para a construção de um status que a destaca em relação a outros assentamentos urbanos’.

Toda essa visibilidade foi incorporada na estratégia da administração pública. Em agosto de 2010, a Secretaria de Estado do Turismo em parceria com o Ministério do Turismo, lançaram o projeto piloto do programa Rio Top Tour (Carvalho, 2013).

Foram instalados guarda-corpos em locais de risco ao turista,

sinalização turística e um quiosque que funciona das 08h às 17h com estagiários do curso Técnico de Turismo da rede estadual de ensino, fornecendo informações turísticas (Barbosa, 2015).

Além disso, foram concedidas linhas de crédito para que comerciantes locais pudessem desenvolver seus empreendimentos. O projeto mapeou 34 pontos de interesse turísticos e foram feitas melhorias nos principais pontos. Foi construído, também, o 'Espaço Michael Jackson'. Com a formação no curso de Técnico em Turismo, alguns moradores passaram a investir no guiamento turístico pela favela (Barbosa, 2015).

A partir disso, alguns guias locais se mobilizaram para reivindicar a criação de algumas regras para o 'mercado turístico' da favela. Foi criado o Comitê de Turismo da Santa Marta cujo objetivo é organizar a atividade turística da favela sob bases locais e resolver problemas advindos do turismo, como aliciamento de menores, incômodo aos moradores, invasão de privacidade e supostas mentiras contadas pelos guias de agências estrangeiras. Barbosa (2015) explica que, na favela Santa Marta, os guias procuram controlar a 'história oficial' que é contada. Além disso, buscam:

[...] por novas formas de se contar a história da Favela Santa Marta através de representações sobre este lugar que não tenham relação necessária com a violência ligada ao tráfico de drogas, ou a redução da favela ao significado da pobreza e exclusão. O turismo apresenta-se como uma alternativa para o 'reencantamento' destes lugares (Barbosa, 2015, p. 176).

Comentários do *TripAdvisor*: a favela aos olhos dos turistas

Analisando os comentários, podemos verificar que a maioria dos turistas que deixaram suas impressões sobre a experiência do turismo na favela da Rocinha ou na Santa Marta é estrangeira. Freire-Medeiros (2009) já havia concluído que 99% dos turistas que visitam as favelas são estrangeiros, sendo raros os turistas brasileiros. Outra característica deste turismo é que a maioria fez o passeio com empresa ou guia locais, sendo uma pequena parcela (15 turistas) que utilizou agências de viagens.

A partir da análise dos 351 comentários publicados no *site* do TripAdvisor, no período de 2011 a 2015, identificamos alguns temas comuns a todos, os quais se repetem nas falas dos diversos sujeitos. Para a maioria dos turistas que postaram comentários, a visita à Santa Marta ou à Rocinha foi caracterizada por um (ou mais) dos seguintes elementos:

- (i) Medo, insegurança e perigo
- (ii) Belezas cênicas
- (iii) Hospitalidade e cordialidade de guias de turismo locais e moradores
- (iv) Realidade diferente

Um sentimento inicial dos turistas antes de iniciarem o tour, e talvez o principal, é o de medo e de insegurança. Relatado por grande parte dos turistas, esse sentimento se dissipou assim que o visitante entrou na favela, demonstrando que a experiência do turismo tem modificado a percepção inicial sobre a favela. Freire-Medeiros (2009) constatou, em sua pesquisa, que os moradores da favela apostam no turismo como uma possibilidade de desmistificar a imagem violenta reiterada pelas elites e veiculada pelos meios de comunicação, o que parece que vem acontecendo com os turistas, como demonstram os depoimentos a seguir:

‘Fui com mais dois amigos, e apesar da apreensão inicial, a verdade é que nunca em momento algum nos sentimos inseguros, constrangidos ou intimidados, antes pelo contrário, o ambiente é superdescontraído as pessoas são bastante afáveis. [...]’ (Turista português).

‘Apesar de lo que uno generalmente piensa, entrar a la favela no fue en absoluto peligroso, todo lo contrario, la gente es amigable y no tienen problema en fotografarse’ (Turista, não especificou a nacionalidade).

‘Confesso que o meu maior receio era a insegurança e/ou poder não ser bem recebida pela comunidade, afinal estaríamos a “invadir” as suas casas, mas durante todo o tour nunca me senti insegura e as pessoas receberam-nos bem e cumprimentavam-nos conforme passávamos’ (Turista portuguesa).

‘Everyone was standing there kind-of looking around like ‘are we going to be robbed’, ‘is this safe’ but Carlos explained that this is

one of the many misconceptions of the Favela' (Turista bermudense).

A localização das favelas permite uma vista privilegiada do Rio de Janeiro e de outras atrações turísticas da cidade, como o Cristo Redentor, a Pedra da Gávea, as praias do Leblon, de Ipanema, entre outros. As belezas do Rio de Janeiro vistas das lajes das favelas também despertam sentimentos nos turistas, os quais são destacados na maioria dos depoimentos:

'Havia no nosso grupo mais de uma dezena de estrangeiros que também aproveitaram a visita, a incrível vista do mirante e a caipirinha na metade do caminho. Há comércios para compra de refrigerantes durante o percurso. [...]. Vale a pena!' (Turista paulista).

'Tal como já foi referido noutros comentários a vista é magnífica, pelo que este é sem dúvida um passeio imprescindível numa visita ao Rio de Janeiro' (Turista português).

'O melhor de tudo é a vista, que é exatamente aquilo que todo mundo fala: a melhor vista do Rio de Janeiro é a da favela. De todos os lugares que eu já conheci pelo mundo, esse é sem dúvidas um dos que mais me marcou minha vida' (Turista paranaense).

'Terminado el segundo tramo, llegamos a la parte de la favela más alta, donde "Si" hay una bonita vista de la ciudad [...]' (Turista argentina).

Os comentários ressaltam a hospitalidade e a cordialidade dos moradores e dos guias de turismo locais. Os turistas consideram que 'o ambiente é superdescontraído e as pessoas são bastante afáveis. Tivemos a oportunidade de conhecer o interior de uma das casas onde nos foi servido uma caipirinha magnífica. [...]' (Turista português); 'la gente es amigable y no tienen problema en fotografarse' (Turista, não especificou a nacionalidade). Os depoimentos demonstram que o morador da favela é simpático à presença dos turistas, como também verificado por Freire-Medeiros (2009). Segundo Freire, os moradores não rejeitam o turista, mas contestam a maneira como muitos passeios são conduzidos pela favela.

Como destacado anteriormente, a maioria dos passeios foi realizada com guias locais, o que, segundo os turistas, tornou o passeio mais agradável. O guia Thiago é lembrado em grande parte dos co-

mentários postados por turistas que fizeram o passeio na favela Santa Marta:

‘O Thiago Firmino é o guia ideal para vos mostrar a Favela, uma pessoa supersimpática, bem-disposta, é mesmo morador da Santa Marta e bastante envolvido em vários projectos na mesma. Para quem procura o contato mais próximo possível com a Favela, ele é sem dúvida a pessoa indicada’ (Turista português).

‘O Thiago Firmino é um guia incrível, conhece a comunidade como a palma da mão e responde qualquer dúvida que você tiver’ (Turista paranaense).

‘O guia Thiago Firmino, é uma pessoa da comunidade, até nos mostrou um pouco do interior da sua casa. Tem imensa vontade de ajudar a melhorar a vida das pessoas da comunidade. Obrigada Thiago :)’ (Turista portuguesa).

‘O Thiago é extremamente gentil e atencioso e nos leva pelo ‘trenzinho’ até o topo do morro descendo e explicando a história da favela, os problemas atuais e conquistas da comunidade’ (Turista paulista).

As impressões dos usuários do TripAdvisor, quanto aos passeios acompanhados por guias das próprias comunidades realizados às duas favelas, são, em sua maioria, positivas. Além disso, demonstram como títulos dos comentários as expressões que seguem: ‘Adorei!’, ‘Muito Interessante’, ‘Um passeio imprescindível’, ‘Programa obrigatório no Rio de Janeiro!’, reforçando o caráter benéfico da experiência.

Além dos aspectos positivos destacados, o turismo na favela possibilita uma reflexão sobre a vida na favela, mas também sobre a própria vida do turista. Os depoimentos a seguir revelam essas reflexões:

‘É uma realidade social bastante dura. Mas todos são bem felizes e orgulham-se bastante da sua comunidade’ (Turista portuguesa).

‘Muito bom ter a oportunidade de conhecer o outro lado do Rio que poucos conhecem e que muitas vezes passa despercebido. O turismo é uma atividade que serve principalmente para a inclusão social que é o que ocorre nas favelas’ (Turista cearense).

‘Foi a quarta vez que visitei o Rio de Janeiro, e nunca noutro

‘passeio me senti tão completo e agradado como neste Tour pela Favela Santa Marta. É uma oportunidade a não perder, o Rio tem muito mais para oferecer do que os tradicionais locais turísticos, e este Tour é sem dúvida a prova viva disso mesmo. Tinha imensa curiosidade em conhecer o interior de uma favela, perceber como é que as pessoas vivem, quais são as condições em que o fazem, as dificuldades que têm no dia a dia, e o que está a ser feito para melhorar as suas condições de vida, e este passeio é perfeito para isso mesmo’ (Turista português).

‘Conhecer a realidade da favela por dentro é uma super experiência, que pode mudar sua vida e sua forma de ver o mundo’ (Turista paranaense).

‘Fui recomendado a este tour a la rocinha de rio, con dudas sobre si espiar la miseria seria tomado a mal por los ocupantes y si invadir ese espacio no seria un acto morboso de mi parte. Pero una vez finalizado, cuando sali de la favela me di cuenta lo mucho que se han organizado para salir adelante y lo frenetico del movimiento de la gente para hacer cosas y progresar. Recibi una leccion de como siempre se puede mejorar con trabajo y decision y en lugar de pena, esa gente me dio un ejemplo de vida y superacion que me dejo pensando’ (Turista argentino).

‘I can’t call this wonderful, exciting, or any of these terms that makes you think that this is your average vacation tour. It’s not. But it is a view of how over 90% of people in Rio live. It’s a chance to see the REAL Rio. If you go to Rio to sit on the beach and sip Caipirinhas all day, you can do that anywhere in the world, and to be fair, the beach is average at best’ (Turista bermudense).

Os depoimentos reiteram que o turismo na favela se revela uma experiência ‘duplamente transformadora: por um lado, tornam-se mais conscientes de seu lugar no mundo; por outro, passam a ter uma percepção condizente com a ‘realidade’ do lugar visitado’ (Freire-Medeiros, 2009, pp.87-88).

O turismo na favela tem sido percebido, principalmente, pelo senso comum, como indecente, desrespeitoso, insano, arriscado. Porém, alguns estudos acadêmicos (Freire-Medeiros, 2009) têm mostrado que a favela turística não é avaliada como algo imoral por nenhum dos atores envolvidos – turistas, moradores, agências de viagens, poder público. Os depoimentos dos turistas analisados revelam que a

visita à favela, de modo geral, é uma experiência enriquecedora.

‘Não podia ter sido melhor esta experiência. [...] Recomendo a 100% esta visita a todos que querem visitar uma Favela’ (Turista portuguesa).

‘No final o sentimento de satisfação era comum, com a opinião geral de que este tinha sido um passeio magnífico’ (Turista português).

‘O Tour pelo Santa Marta foi, de longe, o melhor programa que fiz na minha viagem ao Rio. [...] De todos os lugares que eu já conheci pelo mundo, esse é sem dúvidas um dos que mais que marcou minha vida’ (Turista paranaense).

‘Es un paseo increíble donde ves la realidad de las favelas’ (Turista, não especificou a nacionalidade).

‘Recomiendo este paseo, sólo para reflexionar, y hacer algo al respecto. Sino, mejor mirar la Cidade Maravilhosa desde el Cristo, y tomando sol en Ipanema’ (Turista argentina).

‘I have to highly recommend this tour for anybody who wants to look around a real Rio favela and see the everyday peoples way of life [...]. As part of a trip to Rio it should be as much an essential think to do as going to Christ the Redeemer or Sugarloaf Mountain’ (Turista inglês).

‘This tour was probably the best adventure we had while in Rio and I would recommend it to anyone that is visiting for more than a fictitious fairytale’ (Turista bermudense).

Apesar do caráter positivo e enriquecedor da experiência turística na favela, destacado na maioria dos relatos analisados, constatamos também a manifestação de alguns aspectos negativos quanto ao passeio, por parte dos usuários do *TripAdvisor*. Tais aspectos negativos mencionados pelos turistas, nos comentários examinados, referem-se à falta de infraestrutura, principalmente em termos de saneamento básico, e de sanitários disponíveis no decorrer do tour. Os depoimentos abaixo demonstram essa situação:

‘Só deixa a desejar em relação a sanitários, não possui infraestrutura suficiente para atender a demanda de turistas’ (Turista carioca).

‘Entretanto, não deixa de ser deprimente ver as condições de (falta de) infraestrutura e saneamento em que se vive nas favelas’ (Turista paulista).

‘No entanto, a precariedade de saneamento não é diferente da cidade organizada. Eles não têm tratamento de esgoto e sabem disso’ (Turista paulista).

Conclusão

Neste capítulo, analisamos 351 comentários postados no *site TripAdvisor* por turistas que visitaram as favelas da Rocinha ou Santa Marta no período de 2011 a 2015, com o objetivo de verificar as percepções dos mesmos sobre sua experiência turística na favela.

A grande maioria dos turistas é estrangeira, vindos da América do Sul e do Norte, da Europa e do continente Africano. Os brasileiros são uma minoria e provem de vários estados brasileiros, sendo a maioria do Rio de Janeiro. A utilização dos serviços de guias de turismo por moradores das comunidades revela-se a forma mais comum de se fazer o passeio, o que, segundo os depoimentos, agregou valor positivo à experiência.

Os turistas ressaltam, nos depoimentos os pontos positivos da visita, recomendando o passeio para os demais interessados. Os principais aspectos relatados foram o sentimento de segurança durante o passeio, desmistificando a ideia da favela, enquanto um local perigoso; a importância do guia local, que conhece melhor a favela e torna o passeio mais agradável; a hospitalidade e a cordialidade dos moradores; a vista proporcionada pela localização das favelas; e, principalmente, a possibilidade de reflexão sobre a vida dos moradores e do próprio turista. Os únicos aspectos negativos apontados pelos turistas foram a falta de infraestrutura (saneamento básico) e de sanitários.

O turista que busca o passeio na favela quer ver o outro Rio de Janeiro, o Rio longe das praias, das festas, dos ‘cartões-postais’ tradicionais. Isso não quer dizer que ele também não visite esses lugares e aproveite todos os encantos da cidade, mas mostra que ele quer, de

alguma forma, estar em contato com todas as faces multiculturais do destino turístico.

De modo geral, os comentários dos turistas demonstram a riqueza da experiência do turismo na favela, sendo considerado um passeio ‘dos que mais marcou minha vida’, ‘uma oportunidade a não perder’.

Bibliografia

Acioli, B. P. L., Silva, L. A. D. da, & Souza, J. N. S. de. (2014, outubro). O Consumo no Turismo de Favelas da Cidade do Rio de Janeiro: uma Análise da Percepção e Construção de Valor entre o Observador e o Observado. Anais do 11º Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende, RJ. Disponível em <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/46020598.pdf>. Acessado em 12.03.2015.

Annuniação, A. L. da, & Faria, M. G. de. (2011, junho). Turismo de Experiência nas Favelas Cariocas: Uma análise desta atividade e seu impacto nestas comunidades. Anais do 5º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, Foz do Iguaçu, PR. Disponível em <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2014/01/4.-TURISMO-DE-EXPERI%C3%8ANCIA-NAS-FAVELAS-CARIOCAS.pdf>. Acessado em 12.03.2015.

Araujo, M. (2013). A Indústria do Turismo e a Apropriação e Exploração de Identidades Locais: O Caso “Favela Tour”. (Monografia de Graduação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RS. Disponível em <http://academico.tagcultural.com.br/a-industria-do-turismo-e-a-apropriacao-e-exploracao-de-identidades-locais-o-caso-favela-tour/>. Acessado em 12.03.2015.

Barbosa, G. F. (2015). A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito [Número especial]. Revista Iberoamericana de Turismo, 5, 169-179. Disponível em http://lemetro.ifcs.ufrj.br/gabriel_barbosa_revista_iberamericana.pdf. Acessado em 20.06.2015.

Bruno, V. M. (2013). Turismo em Favelas: reflexões sobre a turistificação de comunidades excluídas na cidade do Rio de Janeiro. (Monografia de Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, DF. Disponível em http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7063/1/2013_VeronicaMacielBruno.pdf. Acessado em 20.06.2015.

Carvalho, F. C. (2013). O Turismo Comunitário na Favela Santa Marta: Perspectivas sobre o programa Rio Top Tour no contexto eufórico do Rio de Janeiro pacificado. Anais – Encontros Nacionais da Anpur, 15, pp.1-17. Disponível em <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4379/4248>. Acessado em 20.06.2015.

Freire-Medeiros, B. (2009). *Gringo na Laje: produção, circulação e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV.

Freire-Medeiros, B. (2007). A Favela que se Vê e que se Vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(65), 61-72. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n65/a06v2265.pdf>. Acessado em 20.06.2015.

Freire-Medeiros, B. (2006, setembro). A construção da favela como atração turística. *Anais da Calacs Conference*, Calgary, Canadá. Disponível em <http://docplayer.com.br/6447958-A-construcao-da-favela-como-atracao-turistica.html>. Acessado em 20.06.2015.

Leitão, G., Araujo, H., & Batista, A. S. (2012, junho). Novos Roteiros na Cidade Maravilhosa: o Turismo na Favela da Rocinha. *Anais do 1º Congresso de Arquitetura, Turismo e Sustentabilidade*, Cataguases, MG. Disponível em http://www.catscataguases.com.br/dvd_2012/pdf/eixo2_003_Novos_roteiros_na_Cidade_Maravilhosa.pdf. Acessado em 20.06.2015.

Moura, K. F., & Mandaji, C. F. da S. (2014, maio). A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. *Anais do 15º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Palhoça, SC. Disponível em <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>. Acessado em 25.08.2015.

Organização Mundial do Turismo. (2015). *Tourism Highlights*. Disponível em <http://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416899>. Acessado em 20.06.2016.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. (2012). *Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010*. Disponível em http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%5C3190_Favelas-nacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF. Acessado em 20.06.2016.

Tripadvisor. (2016). Disponível em <https://www.tripadvisor.com.br/>. Acessado em 10.03.2016.